ANAIS

AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS, COMO ESTRATÉGIA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA, VOLTADA PARA AUXILIAR ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR NA BUSCA POR OPORTUNIDADES SUSTENTÁVEIS DE GERAÇÃO DE RENDA.

MARCELO CAETANO OLIVEIRA ALVES
mco.alves@unesp.br
UNESP ARARAQUARA

ELTON EUSTÁQUIO CASAGRANDE
elton.eustaquio@unesp.br
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA FCLAR/DEPTO DE ECONOMIA

CAMILA DALLA VALLE DO COUTO
cdvcouto@gmail.com
UNIVERSIDADE PAULISTA

RESUMO: O instrumento de avaliação proposto neste trabalho é um questionário de autoavaliação elaborado conforme literaturas específicas sobre o tema e tem por objetivo auxiliar as instituições de ensino a desenvolverem estratégicas educacionais voltadas para o desenvolvimento dessas competências empreendedoras em seus discentes. O incremento da relação entre desenvolvimento das atitudes, a consequentemente geração das intenções e os resultantes comportamentos empreendedores, em alunos das instituições de ensino, pode auxiliar na diminuição de desigualdades sociais por meio do desenvolvimento sustentável de negócios e geração de renda, tanto nas respectivas áreas acadêmicas quanto no investimento em outras áreas. Para se desenvolver o comportamento empreendedor, podem ser utilizados treinamentos comportamentais, que já são vistos como um instrumento necessário, mesmo que insuficientes isoladamente, para o incremento das intenções empreendedoras em qualquer esforço nesse sentido. Os programas de treinamento para a educação empreendedora, voltados para adultos, para que tenham a assertividade e eficiência desejadas, devem incluir elementos da heutagogia, que se caracteriza pela aprendizagem autodirigida e profunda troca de experiências entre aluno e professor, de forma a criar debates produtivos e construtivos. Isso deve-se ao fato de que os adultos, em se tratando de empreendedorismo, buscam mais que simples aquisição de habilidades e conhecimentos. Assim, torna-se essencial a avaliação dos níveis de competência dos participantes dos treinamentos, de forma a subsidiar os capacitadores quanto às estratégias educacionais. Como instrumento para mensurar as competências empreendedoras pessoais dos alunos em instituições de ensino superior, foi desenvolvido um questionário de autoavaliação que se propõe a identificar o nível de desenvolvimento de 12 competências empreendedoras, por meio da apresentação de situações em que o respondente escolherá a atitude que melhor se encaixa em seu perfil. A compilação e posterior análise dos dados contribuirá para que professores do ensino superior possam definir, com mais assertividade, as estratégias e técnicas educacionais voltadas para o empreendedorismo.

PALAVRAS CHAVE: Competências empreendedoras; questionário de autoavaliação; estratégias educacionais; desenvolvimento sustentável

ABSTRACT: The objective of this work is to propose a self-assessment questionnaire, as an evaluation instrument of entrepreneur's competences, prepared according to specific literature on the subject and aims to help educational institutions to develop educational strategies aimed at developing these entrepreneurial skills in their students. The increase in the relationship between the development of attitudes, the consequent generation of intentions and the resulting entrepreneurial behaviors, in students of educational institutions, can help to reduce social inequalities through sustainable business development and income generation, both in the respective areas both academic and investment in other areas. In order to develop entrepreneurial behavior, behavioral training can be used, which is already seen as a necessary instrument, even if insufficient in isolation, to increase entrepreneurial intentions in any effort in this direction. Training programs for entrepreneurial education, aimed at adults, in order to have the desired assertiveness and efficiency, must include elements of

heutagogy, which is characterized by self-directed learning and profound exchange of experiences between student and teacher, in order to create productive debates and constructive. This is due to the fact that adults, when it comes to entrepreneurship, seek more than the simple acquisition of skills and knowledge. Thus, it becomes essential to assess the competence levels of training participants, in order to support trainers regarding educational strategies. As an instrument to measure the personal entrepreneurial skills of students in higher education institutions, a self-assessment questionnaire was developed that aims to identify the level of development of 12 entrepreneurial skills, through the presentation of situations in which the respondent will choose to attitude that best fits your profile. The compilation and subsequent analysis of data will help higher education professors to define, with more assertiveness, educational strategies and techniques aimed at entrepreneurship.

KEY WORDS: Entrepreneurial competences; self-assessment questionnaire, educational strategies; sustainable development

ANAIS

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma metodologia para mensuração do comportamento empreendedor de alunos das instituições de ensino superior. O instrumento de avaliação proposto é um questionário de autoavaliação elaborado conforme literaturas específicas sobre o tema e tem por objetivo auxiliar as instituições de ensino a desenvolverem estratégicas educacionais voltadas para o desenvolvimento dessas competências empreendedoras em seus discentes. O incremento da relação entre desenvolvimento das atitudes, a consequentemente geração das intenções e os resultantes comportamentos empreendedores, em alunos das instituições de ensino, pode auxiliar na diminuição de desigualdades sociais por meio do desenvolvimento sustentável de negócios e geração de renda, tanto nas respectivas áreas acadêmicas quanto no investimento em outras áreas.

O tema empreendedorismo é amplamente discutido no ambiente acadêmico atual (PERIM, 2015). À medida que percebem a importância das atividades empreendedoras e das pequenas empresas na criação de empregos tão quanto como catalizadoras do desenvolvimento e vantagem competitiva das nações (MAMUN et al, 2017), as instituições de ensino têm colocado o empreendedorismo em seus currículos (DABALE; MASESE, 2014), (PITELIS; RUNDE, 2017). Mais do que incluir o tema nos currículos escolares, essas instituições precisam entender seu perfil e papel quanto à contribuição real para o desenvolvimento econômico do seu entorno, e de forma a não se superestimar os resultados da educação empreendera (MARTINEZ-GREGÓRIO; BADENES-RIBEIRA; OLIVER, 2021), (STØREN, 2,014), assim como retornar para a sociedade os investimentos feitos a elas. Contudo, mesmo com a percepção de que existe uma relação entre educação empreendedora e decisão de investir em um em empreendimento, ainda não se observa uma tradição na avaliação sistemática dos resultados desta relação (ALMEIDA; CHAVES, 2015).

Entende-se que os determinantes do empreendedorismo estão enraizados na cultura e influenciados por fatores intrínsecos e/ou extrínsecos ao empreendedor (EBABU ENGIDAW, 2021; MUNIR et al., 2021). Assim, pode-se considerar que a criação de um novo empreendimento envolve a combinação de diversos fatores heterogêneos (OHANU; SHODIPE, 2021). Os fatores intrínsecos estão relacionados principalmente às atitudes e experiências empreendedoras das pessoas (HOU et al., 2019). Os fatores extrínsecos podem ser de diversas origens. Podem estar relacionados aos recursos, humanos e físicos, disponibilizados assim como a própria reputação da IES (OHANU; SHODIPE, 2021). O ambiente empreendedor ou ecossistema empreendedor, por sua vez, também é determinante extrínseco na influência nas intenções de alunos universitários. Esses ecossistemas são formados por atores e fatores diversos e independentes, organizados para estimular o empreendedorismo (DONG; PANG; FU, 2019; GONZÁLEZ-SERRANO et al., 2021).

A criação de empresas formalizadas, e a consequente geração de empregos, assegura a condição de seguridade social, tanto do empreendedor quanto de seus colaboradores (ALVES; GIANOTTI; CASAGRANDE, 2022). A garantia da seguridade, por sua vez, A contextualização da aprendizagem, amparada na evidência da economia brasileira, especificamente das macros e micros regiões onde as unidades de ensino se encontram, permite ao professor tomar como referência aspectos reais da economia. As questões práticas, de acordo com a evidência da economia brasileira são os elementos como a formalidade,

informalidade, contratos de trabalho e entendimentos sobre a existência de empresas e negócios, com ou sem CNPJ. Dessa forma, ensino do empreendedorismo pode ser pautado em elementos práticos como formalidade, informalidade, contratos de trabalho e existência de empresas (ALVES; GIANOTTI; CASAGRANDE, 2022). Ainda segundo os autores a inserção do indivíduo numa realidade de convergência entre educação e trabalho favorece a identificação de oportunidades de negócios e dos determinantes empreendedores. Esta tese é corroborada por (DRUCKER, 1987) apud (FARIA, 2018) ao afirmarem que o empreendedor é aquele que busca por constantemente por oportunidades e é o primeiro a detectá-las no mercado. O empreendimento resultante da oportunidade detectada tem se alterado de forma a ser expresso, atualmente, em formas organizacionais menores (FILION, 1999).

Diferentemente do empreendedorismo por necessidade, aquele motivado pela oportunidade apresenta-se quando o potencial empreendedor possui outras possibilidades e alternativas, inclusive profissionais, e concentra seus esforços na criação de empreendimentos para incrementar o que já tem (ARAGÃO FROTA; QUIXADÁ BEZERRA; PORTELA MARTINS, 2022; ARRIGHETTI et al., 2016).

Diversas são as teorias utilizadas para analisar as origens da intenção de empreender. Largamente utilizadas são as teorias do comportamento planejado - *planned behavior* (AJZEN, 1991) e modelo do evento empreendedor - *model of the entrepreneurial event* (SHAPERO, 1982; HOU et al., 2019; KOWANG et al., 2021; KRUEGER; REILLY; CARSRUD, 2000; LV et al., 2021; MUNIR et al., 2021; NG; HUNG KEE; KHAN, 2019; OHANU; SHODIPE, 2021).

Neste trabalho, será dada ênfase à teoria do comportamento planejado (*Theory of Planned Behavior* – TPB).

2. TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO

Segundo a teoria do comportamento planejado (*Theory of Planned Behavior* – TPB) de Ajzen (1991), o comportamento do indivíduo é previsto por suas intenções. As intenções são, por sua vez, previstas por atitudes sobre o seu comportamento, sobre as normas subjetivas (percepção sobre crenças importantes de outros que, por sua vez, determinam se esta pessoa deve ou não realizar um comportamento) que encerram a execução do comportamento, assim como pela percepção do indivíduo de seu controle sobre o seu comportamento. A TPB tem sido utilizada em diversas áreas como forma de predição de comportamento, tais como intenção em apostar, realizar terapia de reposição hormonal, intenção em trapacear, inscrever-se em aulas presenciais ou online, intenção em parar de fumar ou uso de redes sociais (CAMERON et al., 2012). No campo do empreendedorismo, a TPB também é amplamente utilizada e proporcionando bons resultados para determinar comportamentos empreendedores (LIÑÁN, 2004).

De acordo com (KRUEGER; REILLY; CARSRUD, 2000) muito do que se considera como atividade empreendedora de um indivíduo é, na verdade, comportamento planejamento. Ainda segundo (KRUEGER; REILLY; CARSRUD, 2000), pode-se prever qualquer comportamento planejado observando-se as intenções voltadas para este comportamento.

Determinar o conjunto de intenções na relação entre a atitude e o comportamento é importante, sejam por razões conceituais, filosóficas ou práticas (BAGOZZI;

BAUMGARTNER; YI, 1989). Seja de forma conceitual ou filosófica, (AJZEN; FISHBEIN, 1977) apud (BAGOZZI; BAUMGARTNER; YI, 1989) postularam que uma intenção, como sendo uma forma particular de vontade, transforma o estado psicológico em uma resposta corporal guiada. Isto traz implicações sobre a compreensão do elo entre atitudes e comportamentos conforme a teoria da ação racional. A Teoria da Ação Racional (TRA) apresentou o conceito de que o comportamento de uma pessoa é determinado por sua intenção de realizar esse comportamento. Essa intenção, por sua vez, é uma função de sua atitude em relação ao comportamento e às normas subjetivas (FISHBEIN; AJZEN, 1975).

3. AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIAS COMPORTAMENTAIS NO BRASIL

No Brasil, desde 1993, aplica-se um seminário internacional desenvolvido pela Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da Divisão de Investimentos da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – UNCTAD, chamado de Empretec. A base para a definição das competências avaliadas no Empretec foram os estudos sobre o comportamento voltado ao empreendedorismo feitos por David Clarence McClelland (MCCLELLAND, 1961) (MCCLELLAND, 1971) (MCCLELLAND, 1972). Foram então definidas as Competências Empreendedoras Pessoais (*Personal Entrepreneurial Competences* – PECs), as quais são apresentadas no quadro 1 a seguir.

QUADRO 1: Competências empreendedoras segundo UNCTAD (2022)

Nº	Competências empreendedoras
1	Busca de Oportunidade e Iniciativa
2	Persistência
3	Correr riscos calculados
4	Preocupação com qualidade e eficiência
5	Comprometimento
6	Busca de informações
7	Estabelecimento de metas
8	Planejamento e monitoramento sistemáticos
9	Persuasão e rede de contatos
10	Independência e autoconfiança

Fonte: Adaptado de UNCTAD (2022)

Estas competências formaram a base do material desenvolvido pela UNCTAD e que também já foram adaptados para investigarem perfis empreendedores dos servidores de universidades (SILVA et al., 2016). A metodologia hoje é aplicada em cerca de 30 países (UNCTAD, 2022). Sua aplicação, no Brasil, é de exclusividade do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE e visa analisar o comportamento empreendedor das pessoas[i,ii].

Essas competências empreendedoras pessoais são trabalhadas junto aos participantes durante os treinamentos. Pesquisas mostraram que o Empretec auxilia a despertar e desenvolver o potencial empreendedor em seus participantes, mesmo naqueles que já se encontravam empregados na ocasião. Para tanto, após identificados os níveis dos diferentes comportamentos empreendedores, aqueles considerados pouco desenvolvidos são reforçados por meio de atividades especificamente desenvolvidas (COELHO et al., 2018) (TORRES,

2018) (VIEIRA, 2017) (LOPES, 1999). Os treinamentos comportamentais já são vistos como um instrumento necessário, mesmo que insuficientes isoladamente, para o incremento das intenções empreendedoras em qualquer esforço nesse sentido (COSTA; DIAS, 2015). Essa educação empreendedora precisa auxiliar o aluno em seu próprio desenvolvimento, reforçando suas características diferenciadas (FILION, 1993). Essas características empreendedoras, por sua vez, devem ser conhecidas de forma que o perfil empreendedor de cada indivíduo possa ser traçado. Somente estando cientes sobre quais características empreendedoras devem ser aperfeiçoadas, os empreendedores poderão melhorar as chances de sucesso de seus empreendimentos (FILION, 1999). Todos os autores concordam que conhecendo-se suas próprias características comportamentais empreendedoras, e vivenciando-se situações em que esses comportamentos podem ser desenvolvidos, aprimora-se o perfil empreendedor como um todo.

Os programas de treinamento para a educação empreendedora, voltados para adultos, para que tenham a assertividade e eficiência desejadas, devem incluir elementos da heutagogia, que se caracteriza pela aprendizagem autodirigida e profunda troca de experiências entre aluno e professor, de forma a criar debates produtivos e construtivos. Isso deve-se ao fato de que os adultos, em se tratando de empreendedorismo, buscam mais que simples aquisição de habilidades e conhecimentos (COELHO et al., 2018). Assim, torna-se essencial a avaliação dos níveis de competência dos participantes dos treinamentos, de forma a subsidiar os capacitadores quanto às estratégias educacionais.

4. DEFINIÇÃO DA FERRAMENTA DE AUTOAVALIAÇÃO

Para avaliar comportamentos e atitudes empreendedoras, em negócios formalmente estabelecidos, foram definidas as áreas de competências comportamentais (MANSFIELD et al., 1987). O quadro 2, a seguir, apresenta as atitudes empreendedoras.

QUADRO 2: Competências empreendedoras segundo Mansfield et al. (1987)

Nº	Competências empreendedoras
1	Iniciativa
2	Visões e ações sobre oportunidades
3	Persistência
4	Busca por informações
5	Preocupação pela alta qualidade do trabalho
6	Comprometimento com o trabalho
7	Orientação para a eficiência
8	Planejamento sistemático
9	Resolução de problemas
10	Alto confiança
11	Habilidade
12	Reconhecimento das próprias limitações
13	Persuasão
14	Uso de estratégias de influência
15	Assertividade
16	Monitoramento
17	Credibilidade, integridade e sinceridade
18	Preocupação com o bem-estar dos empregados

ANAIS

19	Reconhecimento da importância das relações de negócios
20	Realização de treinamentos para funcionários

Fonte: Adaptado de Mansfield et al. (1987)

Diversos autores, tais como Nandamuri, Gnanamkonda e Koundinya (2019), Coelho et al (2018), Reis (2013) desenvolveram instrumentos de avaliação de competências empreendedoras para diversas finalidades, inclusive para estudantes de ensino superior por meio da seleção, a partir das competências apresentadas por Mansfield et al. (1987) e UNCTAD (2022), escolhendo aquelas que melhor atendiam os objetivos da investigação.

Notam-se que, no trabalho de Mansfield et al. (1987), existem competências comportamentais voltadas para avaliação de atitudes diretamente ligadas a perfis de empreendedores formais, além aquelas utilizadas pela UNCTAD no seminário Empretec. O quadro 3 mostra um comparativo das competências comuns descritas por (MANSFIELD et al., 1987) e UNCTAD (2022). É possível perceber as que são equivalentes assim como aquelas que não constam no conjunto utilizado pela UNCTAD.

QUADRO 3. Comparação entre os comportamentos descritos por (MANSFIELD et al., 1987) e por UNCTAD (2022).

(MANSFIELD et al., 1987)		UNCTAD (2022)	
Cluster	**Comportamento**	**Cluster**	**Comportamento**
Realizações	Iniciativa	Conquista	Busca de Oportunidade e Iniciativa
	Visões e ações sobre oportunidades	Conquista	Busca de Oportunidade e Iniciativa
	Persistência	Conquista	Persistência
	Busca por informações	Planejamento	Busca por informações
	Preocupação pela alta qualidade do trabalho	Conquista	Exigência por qualidade e eficiência
	Comprometimento com o trabalho	Conquista	Comprometimento
	Orientação para a eficiência	Conquista	Exigência por qualidade e eficiência
Pensamento e resolução de problemas	Planejamento sistemático	Planejamento	Planejamento e monitoramento sistemáticos
	Resolução de problemas	Conquista	Persistência
Maturidade pessoal	Autoconfiança	Empoderamento	Independência e autoconfiança
	Habilidades	---	---
	Reconhecimento das próprias limitações	---	---
Influência	Persuasão	Empoderamento	Persuasão e rede de contatos
	Uso de estratégias de influência	Empoderamento	Persuasão e rede de contatos
Direção e controle	Assertividade	---	---
	Monitoramento	Planejamento	Planejamento e monitoramento sistemáticos
Orientação aos outros	Credibilidade, integridade e sinceridade	---	---

	Preocupação com o bem-estar dos empregados	---	---
	Reconhecimento da importância das relações de negócios	---	---
	Realização de treinamentos para funcionários	---	---

Fonte: Elaboração própria.

A partir do trabalho de (MANSFIELD et al., 1987), e da UNCTAD (2022), das competências incialmente definidas, o questionário de autoavaliação será restrito a 12 competências. Essas competências estão alinhadas com aquelas utilizadas pela UNCTAD e trabalhadas no seminário Empretec. O quadro 4, abaixo, apresenta as competências que farão parte do questionário de autoavaliação acompanhado de breve descrição de cada uma delas.

QUADRO 4. Competências utilizadas para comporem o questionário de autoavaliação.

Nº	Competências empreendedoras	Descrição
1.	Iniciativa	Agir de forma a ir além dos requisitos do trabalho ou das demandas da situação.
2.	Visões e ações sobre oportunidades	Procurar agir diante de oportunidades
3.	Persistência	Atuar repetidamente para superar obstáculos de forma a atingir os objetivos
4.	Busca por informações	Agir por conta própria para obter informações que ajudem a alcançar objetivos ou esclarecer problemas
5.	Preocupação pela alta qualidade do trabalho	Fazer as coisas de forma a alcançar ou exceder os padrões de excelência
6.	Comprometimento com o trabalho	Colocar alta prioridade para que um trabalho seja concluído
7.	Orientação para a eficiência	Encontrar formas de realizar tarefas de forma mais rápida, com menos recursos e menor custo
8.	Planejamento sistemático	Desenvolver e utilizar lógica e algoritmos (passo a passo) para alcançar objetivos
9.	Resolução de problemas	Identificar ideias novas e potencialmente singulares para alcance dos objetivos
10.	Autoconfiança	Acreditar fortemente em si próprio e nas próprias habilidades
11.	Persuasão	Persuadir outros de forma bem-sucedida
12.	Uso de estratégias de influência	Utilizar estratégias variadas para engajar outras pessoas

Fonte: Adaptado de Mansfield et al. (1987).

Cada competência é desdobrada em atitudes que por sua vez, estão relacionadas ao comportamento empreendedor.

A diferença entre as 12 competências do questionário de autoavaliação e aquelas que são trabalhadas pelo seminário Empretec, em um total de 10, está no fato de que algumas competências foram agrupadas como uma. O quadro 5 apresenta como as 10 competências utilizadas no questionário Empretec são desdobradas nas 12 utilizadas no questionário de autoavaliação.

QUADRO 5. Relação entre as competências utilizadas no Empretec e no questionário de autoavaliação.

Nº	Empretec	Questionário de autoavaliação	Nº
1	Busca de Oportunidade e Iniciativa	Iniciativa	1
		Visões e ações sobre oportunidades	2
2	Persistência	Persistência	3
		Resolução de problemas	4
3	Busca de informações	Busca por informações	5
4	Preocupação com qualidade e eficiência	Preocupação pela alta qualidade do trabalho	6
		Orientação para a eficiência	7
5	Comprometimento	Comprometimento com o trabalho	8
6	Planejamento e monitoramento sistemáticos	Planejamento sistemático	9
7	Estabelecimento de metas		
8	Correr riscos calculados		
9	Independência e autoconfiança	Autoconfiança	10
10	Persuasão e rede de contatos	Persuasão	11
		Uso de estratégias de influência	12

Fonte: Elaboração própria.

A linguagem do questionário de autoavaliação desenvolvido para este trabalho também foi adequada quanto ao contexto, de forma a melhor se adequar à realidade de alunos de ensino superior. De qualquer forma, este instrumento de avaliação pode ser adequado às necessidades específicas de diferentes níveis de ensino, cursos, ou mesmo a questões referentes a características socioeconômicas regionais.

5. METODOLOGIA

Como instrumento para mensurar as competências empreendedoras pessoais dos alunos em instituições de encino superior, foi desenvolvido um questionário de autoavaliação adaptado de (MANSFIELD et al., 1987), utilizando-se escala Likert com os critérios apresentados no quadro 6.

QUADRO 6. Escala Likert para mensuração das respostas do questionário de autoavaliação

Valor	Critério
1	Nunca
2	Quase nunca
3	Às vezes
4	Quase sempre
5	Sempre

Fonte: Elaboração própria.

O instrumento de autoavaliação apresenta situações em que o respondente deverá optar pelos critérios definidos no quadro 6, conforme melhor identificar seu comportamento diante de cada uma delas. As situações estão baseadas no trabalho Mansfield et al. (1987) e adaptadas para a realidade do ensino superior. Foram, a exemplo do que foi feito pela UNCTAD, excluídas as competências empreendedoras que estão mais voltadas para o exercício formal de um negócio. O instrumento é apresentado no quadro 7, a seguir:

QUADRO 7. Competências utilizadas para comporem o questionário de autoavaliação.

ANAIS

Nº	Situação
1	Procuro por trabalhos ou tarefas que estão na espera para serem realizados
2	Gosto de encarar desafios e novas oportunidades
3	Quando me deparo com um problema difícil, gasto o tempo necessário para encontrar a solução
4	Quando vou começar uma tarefa ou projeto, procuro reunir a maior quantidade de informações possível
5	Me incomoda quando percebo coisas ou tarefas não estão muito bem-feitas
6	Dedico muito esforço ao meu trabalho ou tarefa
7	Procuro meios diferentes para fazer as coisas mais rapidamente
8	Planejo a realização de um projeto ou trabalho complexo dividindo-o em tarefas menores
9	Penso em soluções fora do comum para os problemas
10	Confio que terei sucesso em qualquer coisa que tentar fazer
11	Consigo fazer com que outras pessoas apoiem minhas recomendações
12	Desenvolvo estratégias para influenciar outras pessoas
13	Ouço atentamente independentemente com quem esteja conversando
14	Realizo tarefas que precisam ser feitas antes de serem solicitadas por outras pessoas
15	Prefiro tarefas que conheço bem e com as quais me sinto confortável
16	Tento diversas vezes convencer as pessoas a fazerem aquilo que eu gostaria que fizessem
17	Peço conselhos a especialistas sobre os problemas ou tarefas com os quais estou trabalhando
18	É muito importante para mim realizar um trabalho ou tarefa com alta qualidade
19	Trabalho longas horas e faço sacrifícios pessoais para completar uma tarefa no prazo
20	Não sou bom na gestão do meu próprio tempo
21	Penso nas vantagens e desvantagens das diferentes maneiras de se realizar uma tarefa
22	Tenho muitas novas ideias sobre como fazer meus trabalhos e tarefas de forma diferente
23	Mudo de ideia se outras pessoas discordam fortemente da minha posição
24	Convenço as outras pessoas a concordarem com minhas ideias
25	Não gasto muito tempo pensando como influenciar as outras pessoas
26	Fico ressentido quando não consigo o que quero
27	Faço as coisas antes mesmo de entender claramente se precisam ser feitas
28	Presto atenção nas oportunidades de fazer coisas novas
29	Continuo a fazer o que eu quero mesmo que algo esteja atrapalhando
30	Começo a fazer as coisas sem procurar as informações de como devem ser feitas
31	Meu trabalho é de melhor qualidade que dos meus colegas
32	Faço o que precisar para completar uma tarefa
33	Me incomoda quando meu tempo é desperdiçado
34	Tento pensar em todos os problemas que posso encontrar e no que fazer se cada um aconteça
35	Uma vez que decidi a forma de como resolver um problema, não mudo esta forma
36	Mesmo quando estou fazendo algo difícil ou desafiador, sinto-me confiante que terei sucesso
37	Faço com que os outros vejam como serei capaz de realizar o que me propus a fazer
38	Convenço pessoas importantes a me ajudarem a atingir meus objetivos
39	Experimentei fracassos no trabalho ou em tarefas realizadas no passado
40	Ajo antes de estar claro se devo agir
41	Eu tento fazer coisas novas e diferentes daquelas que já fiz anteriormente
42	Quando me deparo com uma grande dificuldade, rapidamente passo a fazer outras coisas
43	Quando estou trabalhando em um projeto de alguém, faço várias perguntas para me certificar que entendi o que a pessoas quer
44	Quando faço algo satisfatoriamente, não gasto mais tempo para tentar melhorar ainda mais
45	Quando faço um trabalho para alguém, me esforço ainda mais para que a pessoa fique satisfeita com meu trabalho
46	Procuro maneiras de fazer as coisas com um custo menor
47	Prefiro lidar com problemas conforme eles aparecem ao invés de gastar tempo tentando antecipá-los

48	Penso em diversas forma de resolver os problemas
49	Faço coisas que são arriscadas
50	Sou bastante persuasivo(a) com as pessoas
51	Para atingir meus objetivos, penso em soluções que beneficiem todos envolvidos com o problema
52	Houve ocasiões em que tirei vantagem de outras pessoas para poder cumprir meu trabalho
53	Espero orientações antes de começar a agir
54	Tiro proveito das oportunidades que surgem
55	Tento várias formas diferentes de superar obstáculos para atingir meus objetivos
56	Recorro a várias fontes diferentes para obter informações que me ajudem a alcançar meus objetivos
57	Quero que meu trabalho seja reconhecido como o melhor em sua área de atuação
58	Não permito que meu trabalho interfira com minha vida pessoal ou familiar
59	Utilizo tudo o que posso dos recursos financeiros disponíveis para a realização do trabalho
60	Utilizo abordagens lógicas e sistemáticas nas atividades
61	Se uma abordagem utilizada para um problema não funciona, penso em outro tipo de abordagem
62	Mantenho minhas decisões mesmo se outras pessoas discordam incisivamente delas
63	Não consigo convencer pessoas com opiniões fortes a mudarem de ideia
64	Procuro conhecer pessoas que podem me ajudar a alcançar meus objetivos
65	Quando não sei sobre alguma coisa, não me importo em admiti-lo

Fonte: Elaboração própria.

As 65 situações apresentadas são desdobramentos das 12 competências empreendedoras descritas no quadro 4. Cada competência é representada por um conjunto de 5 situações, distribuídas no questionário. O quadro 08 apresenta a relação entre as situações e suas respectivas competências comportamentais.

QUADRO 8. Relação entre as competências comportamentais e as situações apresentadas.

Competência	Situações
Iniciativa	01, 14, 27, 40, 53
Visões e ações sobre oportunidades	02, 15, 28, 41, 54
Persistência	03, 16, 29, 42, 55
Busca por informações	04, 17, 30, 43, 56
Preocupação pela alta qualidade do trabalho	05, 18, 31, 44, 57
Comprometimento com o trabalho	06, 19, 32, 45, 58
Orientação para a eficiência	07, 20, 33, 46, 59
Planejamento sistemático	08, 21, 34, 47, 60
Resolução de problemas	09, 22, 35, 48, 61
Autoconfiança	10, 23, 36, 49, 62
Persuasão	11, 24, 37, 50, 63
Uso de estratégias de influência	12, 25, 38, 51, 64

Fonte: Elaboração própria.

As questões 13, 26, 39, 52 e 65 são referentes ao fator de correção, que tem como finalidade corrigir possíveis tentativas, por parte de respondente, de apresentar uma imagem pessoal demasiadamente favorável.

A compilação e posterior análise dos dados, conforme orienta Mansfield et al. (1987), contribuirá para que professores do ensino superior possam definir, com mais assertividade, as estratégias e técnicas educacionais voltadas para o empreendedorismo. Pode-se utilizar como base para análise uma linha mediana dentre os valores encontrados nas 12 competências

empreendedoras; A partir de então, podem ser priorizadas ações para desenvolvimento das competências que ficarem abaixo desta linha. Tais ações podem incluir elementos da heutagogia, conforme menciona Coelho et al. (2018) ou outras formas de metodologias ativas. De qualquer forma, em posse dos resultados, tanto professores quanto alunos poderão melhor compreender as abordagens necessárias para o desenvolvimento das competências empreendedoras esperadas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJZEN, I. **The theory of planned behavior. Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 179–211, dez. 1991.

AJZEN, I.; FISHBEIN, M. **Attitude-behavior relations: A theoretical analysis and review of empirical research**. Psychological Bulletin, v. 84, n. 5, p. 888–918, set. 1977.

ALVES, M. C. O.; GIANOTTI, F.; CASAGRANDE, E. E. **Evidências teóricas e empíricas e a relação entre empreendedorismo, a intenção e a educação empreendedora**. VII Simpósio em Gestão do Agronegócio. Anais...Jaboticabal: 10 jun. 2022. Disponível em: <http://sistema.sgagro.org/anais/6/pdf/338>. Acesso em: 28 set. 2022

ARAGÃO FROTA, L. A.; QUIXADÁ BEZERRA, S.; PORTELA MARTINS, T. A. **Intenção Empreendedora de Estudantes de Gestão Brasileiros e a Possível Crise Econômica Causada Pela Pandemia de Covid-19**. Revista de Administração, Sociedade e Inovação, v. 8, n. 2, p. 77–95, 1 maio 2022.

ARRIGHETTI, A. et al. **Entrepreneurial intention in the time of crisis: a field study**. International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, v. 22, n. 6, p. 835–859, 5 set. 2016.

BAGOZZI, R. P.; BAUMGARTNER, J.; YI, Y. **An investigation into the role of intentions as mediators of the attitude-behavior relationship**. Journal of Economic Psychology, v. 10, n. 1, p. 35–62, 7 mar. 1989.

CAMERON, R. et al. **Ajzen's Theory of Planned Behavior and Social Media Use by College Students**. American journal of psychological research (Unpublished thesis). Texas State University-San Marcos, San Marcos, Texas, 2012.

COELHO, F. J. M. et al. **Evaluation of the impact of an entrepreneurship training program in Recife, Brazil**. Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies, v. 10, n. 3, p. 472–488, 8 nov. 2018.

COSTA, R. T.; DIAS, M. A. S. **Formação de Empreendedores para a Abertura de Micro e Pequenas Empresas: "Estudo de Caso EMPRETEC-Amapá"**. Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, v. 2, n. 1, p. 3–14, 30 jun. 2015.

DABALE, W. P.; MASESE, T. **The influence of entrepreneurship education on beliefs, attitudes and intentions: A cross-sectoral study of Africa university graduates**. European Journal of Business and Social Sciences, v. 3, n. 9, p. 1–13, 2014.

ALMEIDA, R. C.; CHAVES, M. **Empreendedorismo como escopo de diretrizes políticas da União Europeia no âmbito do ensino superior**. Educação e Pesquisa, v. 41, n. 2, p. 513–526, 2015.

ANAIS

DONG, Y.; PANG, L.; FU, L. **Research on the influencing factors of entrepreneurial intentions based on mediating effect of self-actualization**. International Journal of Innovation Science, v. 11, n. 3, p. 388–401, 4 out. 2019.

DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor (entrepreneurship)**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

EBABU ENGIDAW, A. **Exploring entrepreneurial culture and its socio-cultural determinants: in case of Woldia University graduating students**. Journal of Innovation and Entrepreneurship, v. 10, n. 1, 1 dez. 2021.

FARIA, A. M. F. **Fatores que influenciam a Intenção Empreendedora da Mulher: Financiamento, Educação para o Empreendedorismo e Vida Pessoal/Familiar**. Dissertação—Covilhã: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, jun. 2018.

FILION, L. J. **Visão e Relações: Elementos para um metamodelo empreendedor**. Revista de Administração de Empresas, v. 33, n. 6, p. 50–61, dez. 1993.

_____. **O Empreendedorismo como Tema em Estudos Superiores**. Em: Empreendedorismo, Ciência, Técnica e Arte. [s.l.] CNI/IEL Nacional, 1999. p. 13–43.

_____. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios**. Revista de Administração, São Paulo v.34, n.2, p.05-28, abril/junho 1999

FISHBEIN, M.; AJZEN, I. **Belief, Attitude, Intention, and Behavior: An Introduction to Theory and Research**. Addison-Wesley Publishing Company, 1975.

GONZÁLEZ-SERRANO, M. H. et al. **Entrepreneurial ecosystems for developing the sports industry in European Union countries**. Journal of Business Research, v. 136, p. 667–677, nov. 2021.

HOU, F. et al. **Model of the entrepreneurial intention of university students in the Pearl River Delta of China**. Frontiers in Psychology, v. 10, n. April, 2019.

KOWANG, T. O. et al. **Undergraduates entrepreneurial intention: Holistic determinants matter**. International Journal of Evaluation and Research in Education, v. 10, n. 1, p. 57–64, 1 mar. 2021.

KRUEGER, N. F.; REILLY, M. D.; CARSRUD, A. L. **Competing models of entrepreneurial intentions**. Journal of Business Venturing, v. 15, n. 5–6, p. 411–432, set. 2000.

LIÑÁN, F. **Intention-Based Models of Entrepreneurship Education (2004)**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/235937886>. Acesso em 25/01/2023

LOPES, R. M. A. **Avaliação de resultados de um programa de treinamento comportamental para empreendedores – EMPRETEC.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1999.

LV, Y. et al. **How Entrepreneurship Education at Universities Influences Entrepreneurial Intention: Mediating Effect Based on Entrepreneurial Competence**. Frontiers in Psychology, v. 12, 6 jul. 2021.

MAMUN, A. AL et al. **Entrepreneurial Education Service Quality, Entrepreneurial Intention, and 'Key Performance Indicators' of Entrepreneurship Education Policies in Malaysia**. Advanced Science Letters, v. 23, n. 9, 1 set. 2017.

ANAIS

MANSFIELD, R. S. et al. **The identification and assessment of competencies and other personal characteristics of entrepreneurs in developing countries**. Boston: The United States Agency for International Development, 1987.

MARTINEZ-GREGORIO S.; BADENES-RIBERA L.; OLIVER A. **Effect of entrepreneurship education on entrepreneurship intention and related outcomes in educational contexts a meta-analysis.** Elsevier Enhanced Reader. International Journal of Management Education, v. 19, n. 3, 2021.

MCCLELLAND, D. C. **The achieving society**. New York: D Van Nostrand Company, 1961.

_____. **Entrepreneurship and achievement motivation: approaches to the science of-economic development**. In: LENGYEL, P. (ed). Paris, UNESCO, 1971.

_____. **A sociedade competitiva realização e processo social**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura. 1972

MUNIR, H. et al. **Combining the social cognitive career theory, contextual factors and entrepreneurship education programs in intention-based model: a tale of two diverse regions**. Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies, 2021.

NANDAMURI, P. P.; GNANAMKONDA, V.; KOUNDINYA, C. **Social Economics and Women Entrepreneurship—A Competency Approach**. Theoretical Economics Letters, v. 09, n. 05, p. 1235–1245, 2019.

NG, H. S.; HUNG KEE, D. M.; KHAN, M. J. **Effects of personality, education and opportunities on entrepreneurial intentions**. Education and Training, 2019.

OHANU, I. B.; SHODIPE, T. O. **Influence of the link between resources and behavioural factors on the entrepreneurial intentions of electrical installation and maintenance work students**. Journal of Innovation and Entrepreneurship, v. 10, n. 1, 1 dez. 2021.

PERIM, M. L. S. **Comparação do ensino e da prática de empreendedorismo em instituições de ensino superior públicas e privadas de Boa Vista**. Revista de Administração de Roraima - RARR, v. 2, n. 1, p. 67, 2015.

PITELIS, C.; RUNDE, J. **Capabilities, resources, learning and innovation: A blueprint for a post-classical economics and public policy**. Cambridge Journal of Economics, v. 41, n. 3, p. 679–691, 2017.

REIS, I. S. **Comportamentos empreendedores na gestão de pequenas empresas**. (Dissertação de mestrado). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal, 2013.

SHAPERO, A. **Social Dimensions of Entrepreneurship**. In: KENT, C.; SEXTON, D.; VERPER, K. (Eds.). The Encyclopedia of Entrepreneurship. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1982. p. 72–90.

SILVA, M. V. G. et al. **Perfil empreendedor de servidores em uma universidade pública brasileira**. Espacios, v. 37, n. 29, p. 22, 29 maio 2016.

STØREN, L. A. **Entrepreneurship in higher education: Impacts on graduates' entrepreneurial intentions, activity and learning outcome**. Education and Training, v. 56, p. 795–813, 4 nov. 2014.

ANAIS

TORRES, R. S. **Avaliação de resultados de um programa de treinamento comportamental para empreendedores – EMPRETEC.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo, 2018.

UNCTAD. **Empretec Programme - The Entrepreneur's Guide**. Disponível em: <https://unctad.org/system/files/official-document/diaeed20093_en.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

VIEIRA, E. C. **Educação empreendedora e geração de ocupação e renda: um estudo de caso do Empretec/Sebrae na região nordeste**. Dissertação de Mestrado. UNIFACS, 2017

---

[i] https://ois.sebrae.com.br/comunidades/unctad-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-comercio-e-desenvolvimento/. Acesso em 26/10/2022

[ii] https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empretec. Acesso em 26/10/2022